

A Influência das Línguas Africanas no Português Brasileiro

Alessandra M. Lemos Albert*

“O senhor saiba: eu toda minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo mundo...Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.”

(João Guimarães Rosa: Grande Sertão Veredas).

O trecho acima, retirado de um dos grandes livros da literatura brasileira expressa a maneira particular que caracteriza o português brasileiro na medida em que Rosa tenta escrever como as gentes falam. Sua linguagem representa a entonação e os significados da fala dos sertanejos. Em vista disso, uma pessoa natural de Portugal precisará de um tempo não somente para entender o significado das palavras, como também para entender as palavras per si. Considerando essa particularidade do português falado no Brasil, muitos lingüistas brasileiros propuseram que o “brasileiro” deveria ser classificado como uma língua distinta.²³ É interessante notar que o trecho acima fala de diversidade. Ser único e confirmar a sua singularidade parece ser um desejo comum dos brasileiros. Pelo menos, é o que podemos observar na literatura, programas de televisão, e mesmo no mundo científico. Contudo, tomando a língua como um exemplo, não se pode dizer que “brasileiro” é uma língua diferente do “português.” Na verdade, ela é apenas um dialeto do português, no sentido de se caracterizar apenas como uma variação daquele. Em vista disso, eu vou chamá-lo de “português brasileiro.”

Como um dialeto do português, o “brasileiro” tem suas próprias características e sofrido muitas influências históricas. Uma das influências veio das línguas africanas. Os dois grupos africanos mais importantes representados no Brasil foram os Banto de Angola e os Sudaneses, representando respectivamente os vários dialetos do quimbundo e nagô (Yoruba). Quimbundo e nagô são, portanto, os principais dialetos africanos que influenciaram o português brasileiro.

Por um longo tempo, muitas pessoas “educadas”² lutaram contra a “má” influência da fala dos negros sobre o português do Brasil. Talvez isso explique porque muito mais

* Professora Assistente do Departamento de Antropologia da UFRR.

¹ O português falado no Brasil não tem a mesma entonação e variedades no país inteiro. Varia de acordo com as regiões. Mesmo o português falado em Portugal tem suas próprias variedades. Para o propósito desse trabalho, no entanto, a ênfase será dada ao contraste entre o português de Portugal e o português do Brasil.

² “Educadas” aqui adquire o sentido daqueles que possuem uma educação formal ou um nível de escolaridade correspondente aos ensinos médio e superior. Considerando a dificuldade histórico-social dos afro-brasileiros de terem acesso à esse tipo de educação e de transformarem a sua realidade de classe social mais baixa, (Ver os dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio – PNAD – 1996, acerca da média de anos de estudo dos adultos de 20 anos ou mais por cor e as condições de saneamento, água e esgoto, segundo a cor do chefe do domicílio), percebe-se o quanto afirmar que o português falado por essa população é uma má língua ou um erro

pesquisas têm sido feitas sobre a influência da língua indígena do que sobre a influência africana. No entanto, os dialetos africanos exerceram, de fato, importante papel na construção do português brasileiro.

Esse trabalho consiste numa análise lingüística do impacto das línguas africanas sobre o português brasileiro a níveis de fonética, morfologia, sintaxe e léxico, respectivamente. Depois disso, irei analisar dois importantes movimentos nos quais as línguas africanas são usadas no Brasil, o Candomblé e a música.

Influências a nível fonético

À nível fonético, a influência dos dialetos africanos tem sido estudada pelos autores que seguem. De um lado, Houaiss (1985) aponta a perda do r e s finais, a instabilidade do l final, e a substituição dos ditongos ei por ê e ou por ô. Assim, por exemplo, a palavra esquecer se torna esquecê, mel se torna mê, e cheiro se torna chêro. O fricativo lh adquiriu os som de l, por exemplo, folha se torna fôia. Embora nós podemos observar que tais mudanças ocorreram, esses estudos³ não parecem ser consistentes com os procedimentos científicos. Para verificar as hipóteses apresentadas, seria necessário uma cuidadosa análise dos dialetos portugueses em Portugal e a distinção entre as influências indígena e africana no português brasileiro. Como nada foi feito nessa direção, a formulação de uma hipótese sobre o problema vem em boa hora. Parece ser de comum senso entre os lingüistas brasileiros estudados que a maneira de falar citada acima caracteriza a classe econômica baixa. Como a maioria dos afro-brasileiros pertencem a essa classe, talvez, a relação automática feita pelos autores subentenda ou preconceito ou precipitação na busca de causalidade. É interessante notar, contudo, que essa maneira de falar, exceto pela troca do lh por l, tenha se expandido para as classe média e alta.

Ainda a respeito do sons vocálicos, Megenney (1970) se deu conta de que os sons das vogais das línguas africanas coincidem de perto com as do português da Bahia.⁴ Essa correspondência teria facilitado empréstimos mútuos.

Outra consideração que deve ser citada é o trabalho de Mendonça (1935). De acordo com ele, muitas palavras africanas incorporadas pelo léxico português perderam o som inicial m e n. Para se ajustarem à língua dominante, algumas palavras africanas modificaram sua fonética ao perder o som inicial de consoantes isoladas como m e n. Por exemplo, ndengue se torna dengue, nzambi se torna zambi (ou zumbi), mbunda se torna bunda e mbanguela se torna banguela.

A influência de uma língua sobre a outra tem, pois, caminho duplo. A língua do "mais fraco" parece procurar permanecer de algum modo. Às vezes, o que parece estar morto pode somente ter sido transformado. Há maneiras sutis pelas quais essa

corresponde aos anseios das classes sociais alta e média, principalmente, de manterem à distância potenciais competidores por um espaço no mercado de trabalho.

³ Os trabalhos citados aqui, com a exceção de Megenney (1970), usam a fonética portuguesa como referência, ao invés do Alfabeto Fonético Internacional.

⁴ Megenney fez pesquisa no estado da Bahia, onde a influência de três principais dialetos africanos foi investigada: Yoruba, Ewe e Yjesha. De acordo com esse autor, todos esses dialetos possuem o mesmo som de vogais.

transformação pode acontecer. O trabalho científico consiste em investigar esses modos de transformação, procurando apontar causas e relações.

Influências a nível morfológico

À nível morfológico, Megenney (1970) afirma que a única troca havida entre as línguas africana e portuguesa foi o uso do diminutivo para os nomes próprios incorporados no português através da influência das religiões de domínio Yoruba. No entanto, o processo de duplicação da sílaba forte nas línguas africanas estudadas pode ter, também, influenciado o português brasileiro. A repetição da sílaba afeta, em certo grau, o sentido das palavras pois que indica afeição. Aqui talvez se possa incluir a influência a nível semântico. As seguintes palavras exemplificam o que falamos: dindinha, dodói, bimbinha, papato, Totonha. Essas são basicamente palavras ligadas ao mundo infantil. Exceto pelos nomes próprios, elas são mais usadas no contexto domiciliar. Isso pode provavelmente ser explicado pelo fato de que os primeiros contatos das crianças “brancas” foram com mulheres africanas. Essas mulheres tomaram conta dos filhos de seus “donos.” alimentando-os e ensinando-os o seu jeito próprio de falar português. Gilberto Freire (1964) acreditava que a maneira suave da fala brasileira comparada ao português de Portugal teve sua origem no ambiente “aconchegante” da Casa Grande.

Influências a nível sintático

A colocação do pronome pessoal do caso oblíquo demonstra a influência a nível sintático dos dialetos africanos no português brasileiro. Em Portugal, esse pronome geralmente precede o verbo. No entanto, em Nagô todo pronome que funciona como objeto direto deve ser colocado imediatamente após o verbo. E, essa é, também, a maneira que os brasileiros falam. Indo além, há a mudança de função do pronome pessoal do caso reto que passa a ser usado como objeto direto ao invés de sujeito. Na língua portuguesa isso não é gramaticalmente possível. Porém, essa é a única possibilidade de uso em Nagô na medida em que os pronomes que funcionam como objeto e sujeito são os mesmos. No Brasil, é bastante normal se ouvir as pessoas usando esses pronomes indistintamente.⁵ Por exemplo, eu a vi se torna eu vi você, e eu a fechei se torna eu fechei ela. Essa modificação ocorre apenas no português brasileiro falado e não escrito.

Nós podemos observar também que os brasileiros em geral tentam evitar o uso da segunda pessoa do pronome do caso reto quando conjugam verbos. Costuma-se substituir o pronome tu por você. Isso não acontece porque o pronome você implica formalidade. Ao contrário, tal uso pode estar ligado ao sentimento de pompa que acompanha a conjugação correta do verbo na segunda pessoa do singular. Por isso, muitas vezes, ouve-se você fala ou você falou, ao invés de tu falas ou tu falaste. Como a dificuldade para pronunciar o s final é relacionada com as classes econômicas mais baixas e acreditada ser uma influência africana por muitos autores, a preferência pelo uso do pronome você pode

⁵ Há diferenças entre os estados brasileiros, pois que em Belém do Pará, por exemplo, se nota um esforço de conservação dos modos lusitanos de colocação e uso dos pronomes.

ser um artifício usado pela classe média para continuar falando corretamente. Em outras palavras, a queda do s final da segunda pessoa do verbo não foi, ainda, assimilada pelas classes média e alta. É interessante notar que, em Yoruba os modos e tempos do verbo são indicados por partículas auxiliares colocadas antes do verbo. Essa característica verbal Yoruba de não possuir flexão pode ter influenciado a modo brasileiro de se conjugar verbos. É um fato que, todos os verbos de origem africana que foram incorporados ao português brasileiro são da primeira conjugação (-ar), e nenhum deles é irregular, por exemplo, bombear, xingar, gambelar, e curiar.

Influências a nível do léxico

“The lexical information concerning African influences on Bahian Portuguese was much more abundant than the material at any other linguistic level” (Megenny 1970:123). Megenny fez sua pesquisa sobre esse assunto da seguinte maneira: de 1.740 palavras que foram sugeridas por Edson Carneiro, Deoscoredes M. dos Santos e Renato Mendonça como tendo origem africana, foram escolhidas 604 que ele considerou como africanas de fato para incluir num questionário. Ele preparou, então, um questionário para circular entre os baianos de todos os níveis sociais e grupos raciais. O objetivo da pesquisa era averiguar se, e em que nível, o povo brasileiro havia incorporado essas palavras no seu vocabulário. Trezentas e três palavras foram identificadas pelos informantes como tendo ou uma função ativa ou uma participação passiva. Por função ativa entende-se como palavras que fazem parte integrante do universo cotidiano brasileiro. Participação passiva significa que tais palavras são conhecidas, ainda que não usadas freqüentemente. Megenny encontrou que das trezentas e três palavras reconhecidas, oitenta e três são ligadas ao candomblé, trinta e três às artes culinárias e comidas, vinte e duas são verbos, vinte e três adjetivos, catorze são nomes de instrumentos musicais, sete nomes ligados ao carnaval, sete nomes de adornos e roupas, oito nomes de plantas, e quatro nomes de lugares. Muitas das outras palavras encontradas correspondem à nomes de línguas e tribos africanas, nomes de miscelâneas, enquanto outras são usadas para designar espíritos maus, lugares sinistros, artigos de caça, nomes de chefes, e itens de casa. São exemplos de algumas palavras africanas: caruru, manguzá, bancar, mangar, zombar, banguela, bocó, dengoso, tanga, quenga, muganga, carcunda, capeta, coringa e atabaque.

Um problema interessante a ser investigado é o campo de aplicação dessas palavras. É conhecida a influência das palavras africanas no mundo da religião, música, comidas e utensílios, no entanto, muitos adjetivos e verbos africanos conotam significados de ridículo, escárnio e humor. Pode-se imaginar se estão relacionados à condição de escravidão e às tentativas do povo africano de resistir à essa situação usando de humor ou escárnio social como armas.

Como se pôde ver, a influência africana no português brasileiro se deu em vários níveis lingüísticos. Além disso, dois movimentos sociais têm contribuído para a recuperação dessa influência. Um desses movimentos, o Candomblé, possui uma longa história de perseguição na sociedade brasileira. Atualmente, em muitos lugares como

Bahia e Rio de Janeiro, o Candomblé tem se tornado uma religião exótica e única que define o caráter dos brasileiros. Em outras palavras, há um movimento para recuperar as “nossas raízes” que fez do Candomblé uma religião aceitável. É importante notar, por exemplo, que entre intelectuais e artistas brasileiros, o Candomblé é bastante valorizado e, mesmo, praticado. No entanto, as palavras africanas usadas nessa religião possuem os significados desconhecidos na maioria dos casos. Elas são usadas mais pelo seu apelo emotivo. Como tais palavras correspondem ao arcaico Yoruba, Ewe e Yjesha mesmo na África, elas já perderam o seu sentido de uso.

Outro movimento de recuperação da “Negritude Brasileira” tem acontecido na música. Desde os anos setenta, alguns grupos da Bahia têm trabalhado para o resgate da história do povo negro no Brasil. Nos anos oitenta, o ritmo de suas músicas, baseado principalmente na percussão, se espalhou pelo país inteiro. Olodum e Timbalada são exemplos desses grupos musicais. De um lado, muitas palavras usadas por eles são, apenas, onomatopéias. Por exemplo, a música U-maracá do grupo timbalada apresenta “Orumilá, baticumba meu boi. U-maracá baticum⁶ do tambor. De outro lado, os significados de muitas palavras africanas usadas nessas músicas não são conhecidos da maioria dos brasileiros. Talvez, somente os participantes dos grupos ou, mesmo, alguns intelectuais saibam o significado das palavras. Entretanto, o sentido das palavras per si não parece tão significativo quanto a expressão emocional que elas representam, pois que elas soam, na maioria das vezes, como “gritos de guerra.” Tais gritos são acompanhados de fortes movimentos de braços que parecem servir para manter o outro à distância. A experiência da música e dança negra no Brasil deve ser, sem dúvida, objeto de rigorosa investigação. Para isso, é importante que se considere os movimentos de resistência e/ou adaptação negra à hierarquia da sociedade brasileira. Nas palavras de Megenney (1970:173) sobre a sociedade baiana, vê-se o quanto essa estratificação social tem sido notada por estudiosos já algum tempo:

“Because of this historical background, the conformation of present-day Bahian socio-economic strata displays most of its white membership at the top and the Negro at the bottom, with the mulatto filling a large gap in the middle.”

O relativo silêncio sobre a influência das línguas africanas sobre o português brasileiro pode estar sendo rompido, embora que timidamente, pelo aparecimento de grupos negros interessados em estudar as raízes africanas e pelo desenvolvimento de uma classe média negra interessada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática. 1991.

⁶ Baticum é uma imitação do som dos tambores.

- CUNHA, Celso. **Língua Portuguesa e Realidade Brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1986.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record. 1989.
- HOUAISS, Antônio. **O Português no Brasil**. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora. 1985.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa IBGE. **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio – PNAD**. 1996.
- MEGENNEY, William W. **An Ethnolinguistic Study of West African Influences on Bahian Portuguese**. Ph.D. diss. University of New Mexico, Albuquerque. 1970.
- MENDONÇA, Renato. **A Influência Africana no Português do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1935.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. **A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 1977.